

**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE SERGIPE  
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E  
DIVERSIDADE LINGUÍSTICA**

**LIVIAN DE OLIVEIRA SANTOS**

**A IMAGEM DA LIBERDADE EM TEXTOS INFANTIS**

**Aracaju/SE**

**2016**

**LIVIAN DE OLIVEIRA SANTOS**

## **A IMAGEM DA LIBERDADE EM TEXTOS INFANTIS**

**Artigo apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e Extensão – NPGE, da Faculdade de Administração de Negócios de Sergipe – FANESE, como requisito para obtenção de título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Diversidade Linguística.**

**Orientador:**

**Prof. Me Manoel Messias Rodrigues Santos**

**Coordenação do Curso:**

**Profa. Ma. Mônica Maria Soares Rosário**

**Aracaju/SE**

**2016**

**LIVIAN DE OLIVEIRA SANTOS**

## **A IMAGEM DA LIBERDADE EM TEXTOS INFANTIS**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e Extensão – NPGE, da Faculdade de Administração de Negócios de Sergipe – FANESE, como requisito para obtenção de título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Diversidade Linguística.**

---

**Prof. Me Manoel Messias Rodrigues Santos**

---

**Profa. Ma Mônica Maria Soares Rosário**

---

**Livian de Oliveira Santos**

**Aprovada com média \_\_\_\_\_**

**Aracaju (SE), \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.**

## RESUMO

O ser humano na contemporaneidade se depara com a questão da liberdade. Ser livre consiste no ato da escolha. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva investigar como se configura a imagem da liberdade nos textos infantis. A análise será direcionada pelo jogo de imagens proporcionado por uma relação entre o mundo real e o imaginário. Assim, para realizar essa pesquisa, tornou-se essencial utilizar os postulados teóricos de Orlandi (1996, 2001, 2002), de Bakhtin (1997), bem como da filosofia, em especial Sartre (2009). Esta pesquisa é caracterizada como qualitativa, principalmente porque destaca a relação entre o dito e o não-dito, o interdiscurso (analisado através de pistas deixadas pela história).

**Palavras-chave:** Liberdade. Literatura Infantil. Discurso.

## SUMÁRIO

### RESUMO

|                                   |    |
|-----------------------------------|----|
| 1 INTRODUÇÃO                      | 05 |
| 2 A LIBERDADE COMO QUESTÃO HUMANA | 06 |
| 3 NAS MALHAS DO DISCURSO          | 08 |
| 4 SER LIVRE EM SETE ANOS E SHREK  | 10 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS            | 15 |
| REFERÊNCIAS                       | 16 |
| ABSTRACT                          | 17 |

## 1 INTRODUÇÃO

Os textos direcionados ao público infantil inserem-se no debate em torno do que se tem chamado de literatura infantil e da produção cultural voltada para esse público. Nesse sentido, não se pode esquecer o caráter fortemente pedagógico inerente a essa literatura, visto que lida com as angústias, as dúvidas e as inquietações por que passam crianças e adolescentes em seu processo de descoberta de si e do mundo. Assim, por levar em consideração a grande produção de obras voltadas para o público já citado, é que nasceu o interesse em analisar a imagem da liberdade representada na produção cultural destinada às crianças em contextos de produção diferentes.

Considerando que o autor não escreve desconectado com seu contexto, é importante como cada narrativa, a seu modo, permite ao leitor construir imagens numa rede discursiva na qual se entrelaça ficção e realidade. Para este trabalho, foram escolhidos o conto “Sete anos e mais sete” de Marina Colasanti (1979) e o filme “Shrek” (2001), dirigido por Andrew Adamson e Vicky Jenson, baseado no conto homônimo de William Steig (1990). Estes textos são contemplados por uma temática característica do mundo da fantasia, trazendo fadas e princesas, mundos encantados, os quais provocam a imaginação do leitor.

Em ambos acontece a relação entre o imaginário e o real de uma forma heterogênea, no entanto, harmoniosa e é a partir dela que o discurso de liberdade, de luta, de busca por condições melhores em um mundo melhor se fundamenta. Discurso que produz sentidos construídos, na medida em que acontece a relação entre o dito, o exterior ao dito, quem escreve e o interlocutor. Orlandi (2002, p. 17) contribui com tal afirmação quando acredita que “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por / para os sujeitos”.

Nessa perspectiva, questiona-se: como se configura a representação da liberdade nos produtos culturais destinados ao público infantil? O discurso pode ser atingido pelo momento histórico? Como se dão as relações entre o sujeito/autor e o sujeito/leitor nesse contexto?

Diante disso, o presente trabalho objetiva investigar como se configura a imagem da liberdade nos textos infantis. Para tanto, buscar-se-á ainda compreender

a noção de liberdade na filosofia e na práxis social; discutir como os discursos podem ser atingidos pelas ideologias que subjazem as relações entre o sujeito/autor e o sujeito/leitor.

No que concerne à metodologia aplicou-se procedimentos da análise do discurso, segundo Orlandi (2002), destaca etapas de análise que permitem, através do objeto de estudo, sair do texto a fim de imergir no discurso propriamente dito, notando as interferências que este pode ter quando tocado pelo momento histórico, quando tocado por ditos que já foram esquecidos, entre outras. Na primeira etapa, o analista tenta compreender as formações discursivas através da relação entre o dito com o que poderia ser dito, dessa forma, percebendo o que é denominado por subentendido (aquele que possibilita caminhos diferentes para interpretações também diferentes). Vencida essa etapa, o analista relaciona a formação discursiva com as formações ideológicas, por levar em conta o momento histórico em que os indivíduos estão inseridos. É a partir dessas etapas que os sentidos começam a ser compreendidos. A essa proposta associou-se ao discurso filosófico sobre a noção de liberdade e as interfaces entre literatura e cinema.

## **2 A LIBERDADE COMO QUESTÃO HUMANA**

As transformações por meio das quais se foi configurando a chamada pós-modernidade impulsionaram não só a forma de o ser humano conceber a si e ao mundo a sua volta; mas também o colocaram frente aos novos desafios de se pensar a consciência, a vontade e principalmente a liberdade. Nessa perspectiva, o que é ser livre?

Aristóteles (2002) afirma que é livre aquele que tem em si mesmo o princípio para agir ou não agir, isto é, aquele que é causa interna de sua ação ou da decisão de não agir. A liberdade é concebida como o poder pleno e incondicional da vontade para determinar a si mesmo, ou seja, para autodeterminar-se. Assim, em sua concepção, a liberdade é o princípio para escolher entre alternativas possíveis, realizando-se como decisão e ato voluntário. No ato voluntário livre, o agente é causa de si, isto é, causa integral de sua ação. A vontade livre é determinada pela razão e nela não é causa de si, mas que é causada pelo pensamento.

Aristóteles (2002) assegura que um indivíduo só é responsável pelo seu ato, ou seja, a sua ação só será voluntária se a sua causa primeira for interna e se os seus atos emanarem da sua própria vontade ou se o sua ação não for consequência da sua ignorância. Então o homem é responsável não só pelo fim que se propõe a seguir, mas também pela forma como age para atingir este fim.

Para Schopenhauer (2002), ser livre é ter consciência da sua condição de ser humano limitado e incompleto. E aceitar esta condição de forma consciente e parcimoniosa. Neste sentido ser livre é querer conscientemente exercer a sua condição de liberdade. Em outras palavras, para ele a liberdade é fruto da consciência e da vontade.

Para Nietzsche (2010), ser livre é exercer a sua vontade livre de preconceitos, de rancores ou de medo. É reconhecer o seu eu interno, e afirmá-lo através do pensamento e da ação. Toda ação livre é uma ação afirmativa de uma individualidade consciente de seus próprios limites e possibilidades. Neste sentido para Nietzsche, ser livre é ser o que se é aceitando esta condição de forma ativa e buscando sempre a autossuperação de si mesmo. A liberdade não é uma condição, é uma conquista, você nunca poderá tê-la, mas poderá exercê-la ao longo de inúmeros momentos de sua vida. Nesse sentido, o verbo que a humanidade conjuga não é o ser, mas o estar, pois tudo na vida humana é passageiro e efêmero, e por isso mesmo belo, pois é único.

Para Sartre (2009), o ser humano é livre, e a liberdade consiste no ato da escolha. Se o ser humano é livre, é consequentemente responsável por tudo aquilo que escolhe e faz. A liberdade só possui significado na ação, na capacidade do indivíduo de operar modificações no real. A escolha revela a responsabilidade, diante de uma questão o homem deve optar por uma alternativa e por um critério pelo qual essa alternativa foi escolhida. A angústia significa optar entre alternativas que não possuem critérios externos à escolha. É necessário escolher porque tenho de ser livre. Assim, toda vez que há uma ação, o homem se torna responsável por tudo o que escolhe, porque não há outra escolha que não exercer a liberdade.

Para Sartre, o homem é homem pela sua condição de ser livre. O homem é fruto de sua liberdade porque quotidianamente escolhe as ações que irá praticar. Dessa forma, a liberdade não é uma conquista humana, ela é uma condição da existência humana:

Com efeito, sou um existente que aprende sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade [...] Assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser... (SARTRE, 2009, p. 542/543).

Para a filosofia sartreana o homem é livre para escolher, já que possui consciência. Essa consciência gera a intencionalidade das ações praticadas e envolve a sociedade, pois a liberdade é uma pesada obrigação que traz a responsabilidade com seu destino e com o dos outros a sua volta. O homem age intencionalmente, premeditando a ação porque é livre, utilizando-se da razão, que o diferencia dos demais animais. O homem é liberdade em seu próprio ser:

O conceito de ato, com efeito, contém numerosas noções subordinadas que devemos organizar e hierarquizar: agir é modificar a figura do mundo, é dispor de meios com vistas a um fim, é produzir um complexo instrumental e organizado de tal ordem que, por uma série de encadeamentos e conexões, a modificação efetuada em um dos elos acarrete modificações em toda série e, para finalizar, produza um resultado previsto. Mas ainda não é isso que nos importa. Com efeito, convém observar, antes de tudo, uma ação é por princípio intencional (SARTRE, 2009, p. 536).

Como se pode ver, a ação tem suma importância na filosofia da liberdade de Sartre, ela, por princípio, é intencional, ou seja, o homem se define ao escolher intencionalmente qualquer ação. Essa ação intencional é a realização da liberdade pela escolha do homem. A liberdade, portanto, não é um atributo, a liberdade é o próprio ser humano.

É importante ressaltar que, para o existencialismo, ser livre não se trata apenas de poder optar, mais também de ser responsável pelas opções tomadas. Neste sentido o homem é totalmente responsável pela sua existência. Aqui, outro conceito se apegua à liberdade: a responsabilidade. Desde que a liberdade se faz uma vez necessária, total e infinita, o indivíduo terá que suportar sobre os ombros o peso do mundo inteiro. O homem é responsável por si e pelo mundo, não na existência, mas na sua maneira de ser, visto que não pode deixar de ter consciência da sua imputabilidade quanto aos acontecimentos e à configuração do mundo.

### 3 NAS MALHAS DO DISCURSO

Por se tratar da análise de dois contos, ou seja, narrativas, julga-se importante trazer à baila os estudos de Bakhtin acerca dos gêneros do discurso. Para o referido autor, o gênero discursivo está diretamente relacionado ao uso da língua e a sua função, levando em consideração o momento em que os sujeitos interagem nas esferas comunicativas humanas e, a partir delas é que se forma os gêneros para atender as necessidades interlocutivas. Tamanha é a diversidade das esferas comunicativas, que a diversidade dos gêneros discursivos se consolidou da mesma maneira. Segundo Bakhtin (1997), os gêneros são estáveis, pois sempre se moldam para acompanhar os processos interacionais da atividade social.

Ainda de acordo com o referido autor, podem ser classificados em primários e secundários, o primeiro referente à oralidade e o segundo, à escrita. Bakhtin (1997) observa “[...] os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular”. Nesse contexto, no corpus da pesquisa, aborda-se um gênero que apresenta como gênero secundário, que abusa dos sentimentos, emoções e reflexões, possibilitando a vivência de inúmeras experiências, levando em conta a “magia” na construção do discurso, imersa num conto de fadas com todas as suas características fantásticas.

Além da diferenciação já mencionada, existe ainda a diferença entre o gênero, literário, retórico e do cotidiano. Bakhtin (1997) afirma que o gênero literário foi campo de maior estudo e, para enfatizar ainda mais essa afirmação, o objeto de pesquisa deste trabalho se classifica como gênero literário, pois se trata de contos. Por se tratar de um gênero literário, traz consigo a marca da individualidade de quem o escreveu, logo se torna possível analisar o autor, pois este é o responsável por emanar a sua individualidade. Em contrapartida, existem os gêneros que não permitem a presença da individualidade da língua. Estes são gêneros que são abraçados por um discurso mecânico, padronizado, ou seja, menos individual e mais objetivo, como documentos, por exemplo.

Bakhtin (1997) registra, também, a responsividade que é causada a partir dos enunciados, que nada mais é do que a compreensão do outro acerca do que foi dito. Essa atitude responsiva pode se consolidar de maneiras diferentes, uma delas é a tardia, por se tratar de enunciados escritos, como nos contos que foram analisados e

ainda a responsividade imediata, aquela que possibilita uma atitude responsiva face a face entre o locutor e o interlocutor, portanto oral.

O discurso, ainda para Orlandi (2002), “é efeito de sentidos entre locutores”. Compreende-se que o sujeito carrega uma função discursiva em um determinado espaço, inserido em contexto histórico-social, portanto acaba sendo afetado social e ideologicamente. Em virtude disso, é possível afirmar que quando o sujeito constrói o seu discurso, ele revela a posição social que ocupa, além de carregar sentidos que outrora foram produzidos por outros discursos que também regem uma ideologia. O sentido a dependente do sujeito e do momento histórico.

A partir do que já fora escrito, ainda é possível fazer uso da definição que Orlandi (2002, p. 43) atribui para a formação discursiva: “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. Portanto compreende-se como o sentido é construído no contexto social e ideológico, pois não existe sentido que não seja interpelado pelas formações ideológicas.

Além disso, é importante destacar o quanto o discurso depende do interdiscurso, aquilo que já foi dito. Não existe discurso novo, existem discursos que são proferidos e, involuntariamente, trazem marcas do interdiscurso. Este é revelado pela memória discursiva, através dela os discursos ganham novos sentidos para o que já foi dito no passado e o responsável por esse novo sentido é o sujeito.

Segundo Vieira (2015, p. 4), os textos possuem formas dominantes para a formação da sua estrutura e da organização da linguagem e tais formas são chamadas de orientações discursivas, o referido autor ainda argumenta que a estruturação e a organização emergem através do discurso produzido na interação dos sujeitos. A partir do que fora citado, é que se torna importante ressaltar que existem diversos tipos de orientações discursivas e que, para esta pesquisa, optou-se trabalhar com o discurso através da orientação narrativa.

Para a escolha do gênero analisado foi necessário recorrer aos postulados de Bakhtin (1997) acerca da teoria dos gêneros. Para o referido teórico, existem duas classificações: gênero primário (oral) e gênero secundário (escrito). Nesse contexto, utilizou-se, para esta pesquisa, um gênero que se apropria das características de um gênero secundário. Esse gênero permite perpassar teor de reflexão, emoção, sentimento, o que pode provocar o conhecimento e vivência de várias experiências

por meio da imaginação, levando em consideração o contexto mágico em que os contos estão inseridos e construção do discurso.

#### **4 SER LIVRE EM SETE ANOS E SHREK**

A exemplo de vários outros contos de fada, neste temos como personagens principais um rei, uma princesa e um príncipe, que formam um triângulo amoroso em que o mais forte é o mais possessivo e mais repressor, o pai, o rei. Ao descobrir que a sua única filha, e por isso a que mais gostava, se apaixonara por um príncipe de um reino pobre, decide, com a ajuda da fada madrinha, lançar uma magia que faria a princesa adormecer para sonhar com príncipes mais ricos e, além disso, tornou-a prisioneira em um quarto enorme que ficava trancado por sete portas enormes em sete enormes corredores. Seu pai, o rei, preferia vê-la e tê-la prisioneira, sem ter contato, inclusive com ele mesmo, a vê-la amando alguém que ele não aceitava. Dessa forma, a filha não tinha a liberdade de amar, porém seu pai também não podia usufruir do amor da princesa, ficando, dessa forma, os três, pai, filha e príncipe, privados de amar.

O príncipe, apaixonado, quando descobre o que acontecera, resolve fazer o mesmo, trancar-se em um quarto enorme, trancado por sete portas enormes em sete enormes corredores. Passaram-se sete anos e mais sete e já não havia mais ninguém, porém, ainda assim, os apaixonados mesmo presos em seus sonhos, continuaram se amando.

A partir da leitura inicial do conto, nota-se, inicialmente, a presença de dois reinos, um pobre e um rico. Além da impossibilidade de aceitar as decisões do outro, do aprisionamento de uma vida em prol da individualidade, da morte e dos sonhos.

Para dar início à análise falando sobre a imagem que o autor faz do seu leitor, especificamente criança, o primeiro usa-se da relação entre o que é real e o que é imaginário, característica recorrente nos contos de fada. Quando o autor traz para embalar a sua história um amor entre príncipes e a magia que os separam, ele conta com a capacidade imaginária do seu leitor, tendo em vista que este já tem condições de separar o que é real de imaginário, porém conta também com o encantamento causado através desse jogo do impossível se concretizando por meio de magia.

Portanto o leitor pode ir além das experiências que já vivenciou, para adentrar num mundo que existe nos contos e na sua imaginação.

No que diz respeito ao conceito de liberdade e ao discurso atingido pelo momento histórico, observa-se a passagem abaixo:

Deitaram a moça numa cama enorme, num quarto enorme, dentro de outro quarto enorme, onde se chegava por um corredor enorme. Sete portas enormes escondiam a entrada pequena do enorme corredor. Cavaram sete fossos ao redor do castelo. Plantaram sete trepadeiras nos sete cantos do castelo. E puseram sete guardas. [...] (p. 31)

A liberdade expressa em toda a narrativa pode ser percebida na passagem acima. Presença de liberdade X ausência de liberdade. A princesa teve a sua liberdade de expressão, de amar cessada pelo poder e opressão do seu pai, ou seja, um sujeito superior que se faz dominante na narrativa por possuir o poder não só da figura do rei, mas também do poder de pai.

Logo se faz perceber que quando a liberdade está nas mãos de um outro, ela está em risco, o direito da liberdade é para todos, no entanto quando existe a presença de um dominante, seja por questão histórica, ideológica ou política, a liberdade estará sujeita ao aprisionamento. Tal constatação se relaciona facilmente com o contexto histórico em que a autora estava imersa, a ditadura militar. Neste período, pessoas foram perseguidas, presas e exiladas por não acreditarem numa ideologia que estava sendo imposta.

E o discurso da autora demonstra o quanto ele pode ser atingido pelo momento histórico, na medida em que traz para a sua obra uma personagem que é exilada em um castelo, trancada a sete portas, tendo a sua liberdade podada por contrariar a vontade do rei. Conto de fadas traduzindo a vida real, colocando, em páginas, o sofrimento pelo qual uma sociedade foi obrigada a passar, discurso de protesto, discurso de desabafo, discurso que diz, sem dizer que a falta de liberdade leva à morte, representada pela figura tanto do pai, quanto da filha e do príncipe, pois todos morreram por falta do direito de ser livre.

Nesse contexto de prisão, Foucault (2009) postula que as disciplinas acabam separando os indivíduos por meio de determinados espaços, como a técnica da cerca e do quadriculamento. A primeira marca a limitação do sujeito a si mesmo dentro de um lugar heterogêneo para todos, enquanto a segunda separa os indivíduos proibindo o agrupamento, pois assim é possível haver o controle, a

vigilância. Teoria que se adequa aos fatos acontecidos no conto, especificamente a prisão dos príncipes para controlar os sentimentos negados pelo rei.

Em contrapartida, remete-se também à luta através dos protestos em busca da liberdade de expressão, que no conto é percebida a partir do manifesto do príncipe, que decide também ficar preso para poder sonhar com a sua amada e assim o é, através dos sonhos, a liberdade foi “conquistada”.

Até o dia em que ambos sonharam que era chegada a hora de casar, e sonharam um casamento cheio de festa e de música e de danças. E sonharam que tiveram muitos filhos e que foram muito felizes para o resto da vida. (p. 32)

Sono e sonho se associam como armas para tornar exequível o encontro amoroso interdito pelo rei e pela fada madrinha. Ao sono da princesa, prossegue o sono do príncipe; ao sonho da princesa prossegue o sonho similar e simétrico do príncipe. Ela dorme, ele dorme; ela sonha, ele sonha.

O filme, por sua vez, transforma o paradigma formado, no que diz respeito à construção de contos de fadas, já que foge à tradição destas narrativas, em que príncipes e princesas se apaixonavam e viviam felizes para sempre num castelo. Neste conto, o príncipe é um ogro e salva uma princesa apenas por obrigação e não por amor, esta por sua vez, está à espera de um belo príncipe, mas recebe a visita de um ogro, nada esperado para um conto de fadas. Shrek é uma das versões mais arrojadas de um conto de fadas norteador pela presença de reinos, príncipes e princesas, é uma versão moderna, com visão contemporânea do mundo, na qual permeia um sentido de buscar ser livre e conquistar essa liberdade, mesmo que vá de encontro a valores e princípios.

FIGURA 1 – anti-herói



Fonte: Shrek (DVD), 2001

Nesta narrativa, a princesa está presa em seu castelo à espera de um príncipe que, com toda a sua maestria e gentileza, possa salvá-la e amá-la. Mas, no lugar de um príncipe, aparece um ogro indelicado para cumprir a tarefa e resgata a princesa Fiona da sua prisão.

FIGURA 2 – Shrek e Fiona: resgate



Fonte: Shrek (DVD), 2001

Com o passar do tempo, apesar de todos os fatores contra, Fiona e Shrek se apaixonam e vivem um grande amor, a ponto de Fiona ser transformada em uma ogra para viver a sua linda história ao lado do seu amado.

FIGURA 3 – Shrek e Fiona felizes para sempre



Fonte: Shrek (DVD), 2001

A partir da trama, o conceito de liberdade é construído em toda a narrativa, o autor da obra vai além do que se espera da modernidade, portanto observa-se a necessidade que o filme tem de “gritar” o direito de ser livre, inclusive mudando um clássico que é o conto de fadas, e este “grito” ecoa em seu enredo de forma clara e objetiva. Assim, vale a comparação entre “Sete anos e mais sete” e Shrek, na medida em que aquele apresenta uma liberdade dominada pelo outro e fadada à morte, enquanto este apresenta uma liberdade inerente a cada sujeito, que se sente livre para agir da forma que mais lhe for favorável, apesar de valores de uma sociedade, e a conquista de uma vida feliz.

No filme, a presença do conceito de liberdade se dá de maneira adversa ao conto, levando em consideração que, como Shrek está inserido no século XXI, sua produção já estava inserida em um contexto histórico que luta pela liberdade de expressão sem sofrer perseguições como na ditadura. Portando a liberdade de trazer em um conto de fadas a realização do amor entre um casal que, apesar de ter enfrentado o mundo, consegue viver uma história, vencendo barreiras como o preconceito e a diferença social.

Shrek, ao contrário dos personagens principais de contos clássicos, está mais próximo do humano, o que o caracteriza como um ogro que sente medos, que tem desejos, que tem frustrações, sentimentos que não combinam com as características dos príncipes “tradicionais”, pois estes são sempre invencíveis e seguros de si. Tal observação, pode remeter ao discurso do autor tocado pelo momento histórico atual, pois os sujeitos têm a liberdade de acertar, errar, recomeçar, ainda que passando por grandes dificuldades, mas as conquistas são alcançadas aos poucos.

Essa dimensão de liberdade é construída também baseada no jogo do real X imaginário, porém o real se destaca de maneira mais enfática, tendo como pressuposto a busca por respostas ou soluções de problemas que levam ao reconhecimento ou descoberta do eu. Neste conto não sobra espaço para o controle do sujeito de forma individual, mas para o agrupamento, para a vida coletiva. A noção de exílio também não é notada se levarmos em consideração que os personagens transitam entre o pântano e o reino, mesmo que atraíam olhares e julgamentos.

Dessa forma, verifica-se que o autor imagina um leitor que continua indo além das suas experiências já vividas, além de acreditar que ele é capaz de compreender

o mundo a partir do olhar do outro. Assim, aposta no convencimento que os seus personagens proporcionam acerca da igualdade, da liberdade, do respeito.

Nos dois textos analisados, fora percebido o quanto a liberdade é tida como algo a ser negociado, ou até mesmo extinto, colocando sempre, acima do sujeito, um outro ser ou conceitos superiores à vontade própria. Em ambos os contos a liberdade é “violentada”, no entanto, no conto escrito no contexto da ditadura militar, existia a falta de liberdade de expressão, pois esta era controlada e vigiada pelos militares, que oprimiam, prendiam, assassinavam, exilavam, perseguiram aqueles que agiam contra as doutrinas impostas. Dessa forma, a liberdade ficava mercê de imposições. Já no conto escrito no século XXI, a liberdade não se configura como antes, limitada, mas sim questionada.

A liberdade questionada pelos conceitos e princípios de uma sociedade que, por mais atual que seja, permeia uma moral herdada do passado e, nesse contexto, o sujeito faz com que sua ética entre em constante questionamento (apesar de ser errado, é possível fazer e aceitar as consequências?). No segundo conto analisado, o conceito de liberdade perpassa essa circunstância, levando em consideração que os protagonistas são julgados por uma sociedade, no entanto tem a liberdade de escolha, fazem uso dela, mesmo sabendo que há muitos fatores que condenam a atitude, a postura, o modo de viver.

Depois de todas as considerações feitas, vale destacar a defesa que Foucault (2003) faz acerca dos procedimentos de exclusão na sociedade, estes foram divididos em três princípios: a interdição, o isolamento da loucura e a vontade de verdade. Ainda segundo o referido teórico, o segundo princípio consiste na exclusão, que é o que pode ser observado nos contos, quando os sujeitos reivindicam o uso da liberdade que lhes é um direito. A oposição entre a razão e a loucura. A sociedade não acreditava na palavra oriunda do louco, logo o considerava um ser incapaz de perpassar um discurso verdadeiro, portanto sua palavra era considerada nula. As marcas dessa separação ainda são percebidas hoje, no entanto acontecem de maneira mais dissimulada, como fora notado nos contos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de investigar o jogo de imagens existente entre o autor e o leitor. Para se obter o resultado buscado, fez-se necessário recorrer às formações imaginárias dentro de uma linha do tempo histórica desde meados e fim do século XX ao início do século XXI. Assim fora relacionada a ideologia destes períodos aos seus sujeitos discursivos, os autores. Verificou-se, portanto, que os sujeitos são afetados pela ideologia, pela memória, pelo momento histórico e transferem esse “toque” para os seus textos, produzindo sentidos.

Constatou-se que a liberdade está relacionada diretamente ao poder. Dominantes sobre os dominados. Os dominados são reprimidos, em contrapartida, os dominantes assumem o papel de repressor. Assim, os postulados de Foucault (2009) foram extremamente importantes para a compreensão do controle de determinados indivíduos em relação à submissão daqueles que estão sujeitos.

Discutiu-se, no decorrer desta pesquisa, que o sujeito, quando está inserido em um momento histórico, profere discursos atravessados de sentido que revelam esse momento. Os sujeitos são interpelados pelas formações ideológicas. Esse fato enfatiza a idealização e a conquista da liberdade, levando em conta a fuga para o âmbito da imaginação e a exploração do mundo real.

No conto de Marina Colasanti, a simbologia do castelo utilizado como a prisão, da fada madrinha como mediadora da magia que aprisionou a princesa, de um rei poderoso que tem todos aos seus comandos, de um príncipe apaixonado e preso ao seu amor, se configuraram como um aspecto importante para a relação entre o real e imaginário. Além disso, a construção de um discurso feito em torno do mundo encantado, mas perpassando conceitos como o da liberdade cerceada, deixando nítido que quando o ser permite que o outro controle a sua liberdade, estará fadado ao fracasso e, no primeiro conto, fadado à morte.

No filme, a representatividade do conto de fada é envolvida com a quebra de paradigmas, quando dois seres de “espécies” diferentes se apaixonam e conseguem viver esse amor, vai contra às características de um conto de fadas tradicional, portanto a liberdade já é explorada nesse aspecto. O jogo do real X imaginário acontece também nesta trama, a ponto de o direito de liberdade ser conquistado nos

dois mundos (real e imaginário), dessa forma, compreendendo que quando a liberdade não é controlada por um “outro”, ela estará sujeita ao sucesso.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Atlas Editora, 2002.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

COLASANTI, M. **Uma ideia toda azul**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2003

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NIETZSCHE, F. **A genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2002.

SARTRE, Jean P. **O ser e o nada**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SCHOPENHAUER, A. **Da morte, metafísica do amor, do sofrimento do mundo**. Rio de Janeiro: Martin-Claret, 2009.

**SHREK**. Direção: Andrew Adamson e Vicky Jenson. Produção: PDI/DreamWorks, 2001. 1 DVD (93 min.), widescreen, color., desenho animado baseado no conto Shrek!, de William Steig.

VIEIRA, Rodrigo Drumond, et al. "Obstáculos à educação de qualidade na perspectiva de professores de ciências da educação básica." **Ciência & Ensino** (ISSN 1980-8631) 4.1 (2015): 1-11.

## ABSTRACT

This work takes place from a fairy tales analysis by the authors Marina Colasanti and William Steig. This analysis is done according to the theories of Discourse Analysis (hereinafter AD) in order to investigate the image of freedom that the author makes, considering the historical moment to which it is inserted, the period of the military dictatorship in Brazil, between 1964 and 1985; as well as the period of contemporaneity / modernity, current context, 21st century. The analysis will be directed by a game of images provided by a relationship between the real and imaginary world. This relation is inherent to the literary genre chosen for the present work, considering that in the tales predominate the subjects like enchanted kingdoms, princes, princesses, fairies, witches, becoming a possible oscillation between the worlds (REAL X IMAGINARY). And yet it is worth emphasizing the need to analyze the image of freedom that the author makes watching the story in a relationship with history, having noticed, so that the subjects end up being challenged by the ideology to which they are subjected. Thus, to perform this research it became essential to use the theoretical postulates by Orlandi (1996, 2001, 2002), Eddy (2003, 2009), Bakhtin (1997), Fico (2004). This research is characterized as qualitative, mainly because it highlights the relation between the said and unsaid, the interdiscourse (analyzed through clues left by history).